

# Dispositivos discursivos e o campo jornalístico

Jairo Ferreira<sup>1</sup>

## RESUMO

Sugerimos uma abordagem do jornalismo a partir de conceitos que identifiquem os planos microssocial e macrossociais que o configuram. Na esfera microssocial, partimos do conceito de dispositivo discursivo, o qual substituí o termo (genérico) mídia. Na instância macrossocial, utilizamos os conceitos de campo social e habitus de Bourdieu, fazendo deslocamento em direção ao conceito de campos de significação. O que vai ser compartilhado entre o dispositivo discursivo, o campo social e de significação jornalístico é a produção da notícia. É em torno desse objeto específico que o jornalismo deve ser pensado em suas diferenciações.

## PALAVRAS CHAVE

jornalismo, discurso e conhecimento.

## RESUMÉ

Nous suggérons une approche du journalisme à partir de concepts qui identifient les niveaux plans microssocial et macrossocial qui le configurent. Dans la sphère microssocial, nous partons du concept de dispositif discursif, qui substitue le terme (générique) média. Dans l'instance macrossocial, nous utilisons les concepts de champ social et habitus de Bourdieu, en nous déplaçant vers dans la direction de concept de champ de signification. Ce qui va être partagé entre le dispositif discursif, le champ social et de signification journalistique est la production de la. C'est autour de cet objet spécifique que le journalisme doit être penser dans ses différenciations.

## 1. Introdução: recortes teóricos

### 1.1. Das mídias aos dispositivos discursivos

O conceito de dispositivo que utilizamos (Ferreira, 2002d) absorve e concretiza o termo mídia. Mais do que uma escolha lingüística trata-se de uma opção em torno de algumas ponderações teóricas. Nos referimos aqui ao que afirma Peraya (1999b):

---

<sup>1</sup> **Jairo Ferreira** é Doutor em Informática na Educação – UFRGS. Professor do Centro de Ciências da Comunicação. Unisinos. ferreira@netu.unisinos.br

Seja sobre a televisão, a WEB, o correio eletrônico, a videoconferência, etc., a análise mais corrente de uma mídia consiste em considerar a sua globalidade. As pesquisas sobre as diferentes classificações das mídias ...mostraram que o termo mídia, como também o termo tecnologia, ainda está mal definido e sujeito a diferentes interpretações. Raros são de fato as definições de mídia que satisfazem as exigências de um quadro de referências teóricas coerente. A maioria das definições propostas por outros autores faz, ainda, referência a noção de instrumentalidade da mídia, objeto que permite a difusão da informação e a comunicação. O termo designa uma série de realidades muito diferentes, às vezes contraditórias: a linguagem, o tipo de mensagem, o sistema técnico de difusão e de recepção, etc. Observamos então uma incapacidade de se depreender, do objeto empírico, o objeto real.

É a partir desse autor (Peraya: 1999<sup>a</sup> e 1999b) que construímos um quadro de análise dos dispositivos, agregando elementos presentes em outros autores quando discutem o mesmo conceito (Charaudeau: 1997; Aumont: 1995; Maingueneau, 2001). O quadro proposto para o conceito (1) de dispositivos discursivos tem as seguintes dimensões (ver Ferreira, 2002d):

1. **Contexto de produção.** Prática de produção individuais ou coletivas, institucionais ou privadas, intenção, objetivo da comunicação, concepções de tecnologias e de seu papel, discurso técnico dominante, operações técnicas e *savoir faire*, etc. Conforme Charaudeau (1997: 232), a produção se divide em externa e interna. A externa é empresa, relações com capitais culturais, econômicos e políticos que exercem formas diversas de pressões e demandas na esfera da produção de acontecimentos midiáticos (esse acontecimento pode ser um evento, um saber, um interesse pragmático etc.) O interno se refere ao dispositivo enquanto enunciação, procedimentos, formas de trabalho coletivo, estratégias, temporalidade etc. (Fonte: Charaudeau, 1997: 232).

2. **Contexto tecnológico.** *Canal:* vetor físico e/ou técnico de transmissão e de difusão: condutas aéreas, ondas hertzianas, cabo etc. assim como dispositivos anexos de codificação/decodificação. *Suporte de estocagem:* suporte material ou lógico que permita conservar a informação: fita magnética, disco ótico, disquete, disco duro etc. *Dispositivo técnico de restituição:* suporte material a partir do qual é possível tomar conhecimento da representação: suporte de papel, tela de projeção, tela do computador,

alto-falante etc. São objetos técnicos que permitem a restrita restituição, a função display e as operações de visualização e audição da mensagem pelo destinatário.

3. **Dimensões comunicacionais e discursivas.** *Modalidades de comunicação.* a) formas e graus de interação; b) a comunicação pode ser uni, bi ou multidirecional; pode se desenvolver em tempo real ou em tempo diferenciado, etc., c) os diferentes atributos como a co-presença, o grau de visibilidade e audição dos parceiros, grau de diafonia, simultaneidade das mensagens recebidas etc. *Tipos de representação e sistema semiótico:* forma de representação, de linguagem de signos arbitrários (linguagem verbal, linguagem de formulário matemático) ou de diferentes signos analógicos, fundados sobre uma semelhança (fotografia, gráfico, esquema, etc.). *Gênero de textos e tipos de discursos:* organização particular do sistema de representação - da linguagem - determinada pela utilização social e usuários e caracterizada por temáticas, estruturas formais e dispositivos relacionais particulares. Falamos, hoje em dia, de gênero de textos e de tipo de discurso. *Contratos midiáticos:* estratégias discursivas; tematização; cenários; intenções; linguagens (Fonte: Charaudeau, 1997: 232).

4. **A recepção.** Lugar de interação social, quadro material, humano, institucional e sociocultural (enciclopédias de interpretação), práticas cotidianas etc. Conforme Charaudeau (1997: 232), a recepção se divide em externa (efetiva) e interna (público-alvo).

A análise do dispositivo midiático poderá ocorrer em cada uma dessas dimensões, ou buscará relações entre dimensões diversas. Assim, um estudo de economia política da comunicação pode se concentrar nos condicionamentos de oferta, demanda, valores simbólicos e econômicos, abstraindo das dimensões especificamente discursivas. Um estudo de recepção poderá ser “costurado” pelas relações entre o discurso e o campo específico de recepção efetiva. Etc. Trata-se de compreender que:

Toda descrição que respeita o modelo proposto não poderá se satisfazer nem de uma descrição global - Web, Internet, televisão etc. - nem particular- a análise estrutural da mensagem dos filmes, por exemplo. Ao contrário, parece-nos essencial primeiramente isolar os diferentes aspectos, as diferentes dimensões estruturando o dispositivo: as formas de representação da informação e dos conhecimentos - no sentido de formas simbólicas e semióticas -, formas de difusão, de apresentação, de produção e recepção das mesmas. Depois em um segundo momento, e em uma perspectiva integrativa, é necessário analisar os efeitos mútuos destes diferentes elementos. A exigência desta discriminação inicial marca, sem nenhuma dúvida, a ordem da metodologia, e não, a da cronologia (Peraya, 1999 a).

Nesse sentido, as dimensões anteriores são variáveis dentro de um conjunto de relações. Assim, as modalidades de comunicação estão intimamente vinculadas ao grau de fechamento e abertura da produção e recepção do dispositivo. Uma modalidade de comunicação, pensada nos termos emissão-feedback, tem um grau de abertura inferior a relações em que os agentes receptores podem alterar o banco de dados (bidirecionalidade entre banco de dados e de conhecimento relativamente aos agentes), ou que os agentes podem, em conjunto, definir essas alterações por sistemas de multidirecionais etc. Ou, uma mudança nos contratos implicará diferentes configurações tecnológicas, comunicacionais e condições de recepção. Ou seja, conforme as concepções tecnológicas que sustentem este dispositivo, teremos modificações no conjunto não menos substanciais. Poderíamos descrever vários destes processos em que todo esse **dispositivo** é reconstituído pela transformação de suas partes, ou, inversamente, como essa totalidade condiciona as variações de cada elemento. É, nesse sentido, que o dispositivo é um subsistema. Aqui nos interessa em particular os dispositivos discursivos de produção jornalística.

## 1.2. Campo social e de significação

O uso da terminologia “campos” pertence ao senso comum e à conceituação científica. Em termos de senso comum, utilizamos, no espaço acadêmico, sem muito questionar, as expressões “campo dos educadores”, “campo dos comunicadores” etc. para nos referirmos à especificidade de um agrupamento social, mais ou menos vinculado ao mundo profissional (ou, se quisermos, a um agrupamento que desenvolve, na divisão social do trabalho, funções afins conforme a perícia técnica, tipos de saber, objeto e instrumentos de trabalho etc.). Mas há também a utilização dos termos conforme os conceitos desenvolvidos na sociologia crítica de Pierre Bourdieu. É, a partir desse autor, que desenvolvemos o nosso conceito (Ferreira, 2002) de *campos sociais* e *campos de significação*. Isto é, sob o recorte dos conceitos de *campos sociais* (2) e *habitus* (3), os quais modificamos através de novas articulações conceituais, propomos a análise dos aspectos macrossociais nos quais estão inseridos os dispositivos discursivos.

Isto é, num primeiro momento, pensamos a *práxis social* a partir do *habitus* (estruturas objetivas de segunda ordem, ou subjetividade social estruturada como percepção, interpretação e produção - de sentido - do mundo, estruturadas e

estruturantes) e sua distribuição conforme posições no *campo social* (estrutura objetiva de primeira ordem, na qual o indivíduo é atravessado por vetores de forças em luta pela definição do que é legítimo) em que está inserido. Num segundo momento, mantendo essa idéia de subjetividade social estruturada, substituímos o conceito de *habitus*, optando pelo *conceito de campo de significação* em decorrência da matriz que utilizamos em sua definição.

Abordaremos, resumidamente, o diálogo teórico que propomos.

Entendemos o *campo de significação* como a configuração de sentido inaugurada por um determinado *campo social* (constituído ou em constituição). Consideramos que os atos de linguagens se constituem num dos níveis dessa *práxis social*. A *práxis* se constitui também na esfera da prática e ações concretas, não discursivas. Estudar o *campo de significação* a partir dos dispositivos discursivos significa, portanto, buscar a especificidade fundada a partir deste universo, a qual se alastra, no processo de produção, pelas ações de consumo, troca, circulação etc. (o sentido ampliado de produção pensado por Marx).

No caso do jornalismo, empiricamente, registra-se o *campo de significação* através dos temas, focos semânticos, modalidades discursivas e sentidos recorrentes. Isto é, trata-se de sentidos que são reproduzidos em várias ações sociais vinculadas aos discursos produzidos em dispositivos jornalísticos, ao mesmo tempo, em que, considerando essas trilhas reprodutivas, verifica-se as ressonâncias, bifurcações e conflitos de significação que emergem em lugares distintos da produção considerada em seu conjunto.

Já os *campos sociais* de um dispositivo específico são estudados sob o recorte das posições conforme os capitais culturais, econômicos e políticos dos agentes envolvidos com determinados objetos sociais compartilhados. No caso do jornalismo, consideramos, aqui, que é possível desenharmos o campo dos dispositivos midiáticos por homologia às posições sociais em geral que aparecem em Bourdieu (1997: 20) - de grandes proprietários, pequenos proprietários, assalariados, funcionários técnicos e científicos, cientistas etc (Ferreira, 2002c). A partir desse quadro de posições, é possível desenvolver o outro: o campo de significações como expressão de processos discursivos vinculados aos quadrantes, substituindo os objetos e práticas de consumo que são

apresentados, em *La Distinction*, por focos, temas, rotinas de produção e consumos dos discursos possíveis em cada quadrante.

Nesse sentido, os dispositivos não existem soltos no ar. Incorporam capitais sociais diversos (políticos, econômicos e culturais) em formas materiais (direitos, equipamentos, terrenos etc.) e imateriais (indivíduos, trabalho, imagem etc.). Ao mesmo tempo, estão em sinergia endógena e exógena que gesta lugares no universo social. A sua configuração, diferenciação interna, alcance social, exercício efetivo de um lugar de fala reconhecido pelos vetores de força etc. estão condicionados por dimensões sociais, incluindo a esfera da significação. Na perspectiva da proposta de análise que desenvolvemos (Ferreira, 2002), a predominância do foco de investigação se desloca para esse *campo de significação*.

### **3. O jornalismo como campo social e de significação**

O que caracteriza o jornalismo como ação social é a fundação e desenvolvimento histórico e social dos dispositivos, específicos para a produção de objetos reconhecidos como de sua autoria. Mas o jornalismo não se compõe apenas dos discursos produzidos nos dispositivos específicos que o fundam. É verdade que há um lugar de autoria da notícia jornalística, mas o campo jornalístico se amplia para esferas diversas de recepção (a recepção que faz o campo acadêmico, os leitores habituais, os estudos de matérias jornalísticas em sala de aula, o uso do material jornalístico como agenda para outros dispositivos discursivos como os blogs, os fóruns, os chats etc.), de produção (interfaces com agências de publicidade, assessorias de comunicação, empresas, promotores de acontecimentos etc) e discursos (os olhares produzidos através de vários discursos não jornalísticos).

Em cada uma dessas esferas de manipulação e apropriação dos objetos produzidos nos dispositivos discursivos específicos do jornalismo, podemos falar em *campos sociais* e *campos de significação*. Portanto, numa concepção de produção jornalística considerada em conjunto (incluindo não só as dimensões dos dispositivos específicos, mas o conjunto dos processos de trocas, circulação e consumo), pode-se concluir que o jornalismo é uma práxis social atravessada por diversos campos sociais, os quais entram, em inúmeros níveis de força e proximidade, em sinergia com o

dispositivo discursivo onde se constroem e produzem os objetos especificamente jornalísticos.

### **3.1. A produção da notícia como ato de constituição**

Portanto, na constituição do jornalismo como campo social e de significação, um lugar especial e fundamental define-se pela concepção sobre a produção da notícia. Não por acaso, Traquina (2001 e 2002) discute as teorias do jornalismo tomando como foco central a produção da notícia. Em torno desse elo condutor, queremos acentuar que as correlações entre *campo de significação* e *campos sociais da mídia* não são cartesianas e lineares. Essas relações constituem um *espaço de possíveis*, o qual é multiplicado pelo fato de que as mídias, mesmo quando atuam como “porta-vozes” (de governos, movimentos sociais, empresas etc.) constituem um campo social específico. Isto é, como afirma Fausto (1999: 16), as mídias “atuam no espaço público com competências próprias”, sendo que o conjunto de “falas” midiáticas é constituído por regras próprias do “mundo das tecnoculturas”. Isto significa que, ao falarmos de emergência do campo de significação em dispositivos midiáticos, é necessário observar a sua especificidade enquanto ação discursiva, ou seja, como “as experiências do cotidiano e das instituições são progressivamente mediatizadas”, o que significa diferenciar o *campo social* onde estão situadas as agências produtoras midiáticas (localizados no que chamaremos, doravante, de campo da mídia, conforme sugestão de Berger, 1998) e aquilo que se funda com ações discursivas, ou seja, em considerar a emergência social dos *campos de significação*.

Nesse sentido, situamos algumas questões-chave que articulam nossa abordagem.

Primeiro, consideramos que o jornalismo como *campo de significação* é um recorte da *práxis social fundada pelo dispositivo midiático como instância discursiva*, cujo sentido não se reduz a condensação simbólica (herança, em Bourdieu, da tradição antropológica). Consideramos que *o sentido* tem diversas formas (simbólica, funcional, lógica e referencial), sem predominância de qualquer um dos vértices que o constituem. Nessa perspectiva, o estudo do campo de significação deve chegar às formas simbólicas, funcionais, lógicas e referenciais. É nesse poliedro de significação que colocamos o valor

do jornalismo como regime de verdade (e, aí, as oposições entre referencialidade, argumentação, subjetividade e técnica de produção).

Segundo, que a análise do discurso em *Bourdieu* é reduzida “às condições sociais de sua produção e, mais precisamente, à posição do produtor no campo de produção” (Bourdieu, 1996: 133). Nesse sentido, devemos inferir que escolhas temáticas, focos semânticos e modalidades discursivas do jornalismo como campo *estão condicionadas pelas posições dos produtores?* Uma resposta positiva a essa questão nos levaria a um lugar próximo ao proposto pela teoria da ação política (ver essa teoria Traquina: 2001, 80; 2002, 87). Isto é, a notícia passa a ser circunscrita a um universo instrumental.

A resolução do impasse passa por evitar o perigo de redução situado no acento dos processos de acomodação às relações de força, *desconhecendo (ou subordinando)* os processos de transformação do sentido através dos quais os indivíduos e sujeitos sociais coletivos *constituem* universos temáticos, semânticos e modalidades discursivas que dissipam, criam instabilidade e transformam a configuração dos *campos de significação e sociais* (Ferreira 2002c). Pensamos que essa proposição é mais próxima da idéia de “espaços de possíveis” (Bourdieu, 1996b). Esse *espaço de possível* pode ser observado na variação dos procedimentos de pesquisa e relação com as fontes, de produção de textos e manchetes, de tipos de matéria jornalística, de formas do fotojornalismo e formatos de diagramação etc. em instituições jornalísticas que possuem capitais culturais, políticos e econômicos próximos e diferenciados entre si.

Ao mesmo tempo, **também porque** o universo de significação aí produzido abre rupturas epistemológicas em relação a outras formas de ações (práticas e ações não discursivas), os aspectos formais do discurso não se reduzem a subproduto das condições sociais de sua produção, ou seja, às constituições dadas pelas correlações de forças estruturais e conjunturais definidas pelos capitais acumulados e investimentos imediatos, Ou seja, a linguagem e o discurso jornalísticos abrem novos universos, antes inexistentes, não regulados pelas relações de forças preexistentes (na esfera das ações práticas, concretas e discursivas em outras instâncias dos campos sociais citados), na medida em que abrem novas correlações de força e de sentido, deslocando sentidos instituídos. Nesse sentido, os processos adaptativos, em nossa proposição analítica, pertencem à esfera do *campo de significação*, e, só de forma subordinada, aos *campos*

*sociais*. Assim, as variabilidades nos objetos jornalísticos construídos expressam e constituem universos específicos de relação dos mesmos com as políticas estatais, os movimentos sociais e a cultura.

### **3. Conclusões**

Sugerimos que uma teoria do jornalismo deve partir de conceitos que identifiquem os planos microssocial e macrossociais. Na esfera microssocial, partimos do conceito de dispositivo discursivo, o qual substituí o termo genérico mídia. Na instância macrossocial, utilizamos os conceitos de *campo social* e *habitus* de Bourdieu, fazendo deslocamento em direção ao conceito de campos de significação. O que vai caracterizar o dispositivo, o campo social e de significação jornalístico é a produção da notícia (seguindo aqui o fio condutor sugerido por Traquina quando discute Teorias do Jornalismo).

Identificamos dimensões que compõem os universos dos dispositivos discursivos. Essas dimensões são marcadas pela diferenciação. Nossa hipótese é de que tais características diferenciais estão, num primeiro plano, relacionadas aos capitais políticos, econômicos e culturais que incorporam, o que pode ser verificado em agrupamentos mais ou menos homogêneos conforme as acumulações em torno desses capitais. Num segundo plano, estão em relação com os capitais individuais. Esse é o caso, por exemplo, de dois jornais que possuam capitais globais próximos, mas indivíduos com capitais diversos.

Assim, se considerar somente os jornais impressos, há, na produção da notícia, profundas diferenças entre os jornais das grandes redes, os pequenos e médios, os vinculados ao movimento social, os de análises etc. Um mapa possível é aquele que define as diferenças considerando distribuição dos gêneros, conteúdos e modalidades discursivas. Mas pode-se também analisá-los conforme as diferenças relacionadas às diversas formas de apropriação da tecnologia ou de rotinas de produção (procedimentos, relação com fontes, produção da pauta, etc.), aos modos de *interação* com fontes e anunciantes, com os governos, os movimentos sociais etc. Nesse sentido, os regimes de verdade que emergem das interações com tais dispositivos são diversos.

#### 4. Bibliografia

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. São Paulo: Papyrus, 1995.

BERGER, Christa. *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: Editora da Universidade. Ufrgs, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Journalisme et éthique. Actes du colloque fondateur du centre de recherche de l'Ecole Supérieure de Journalisme (Lille), *Les cahiers du journalisme*, Juin 1996, n 1. 1996a.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997b.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. *Le discours d'information médiatique*. La construction du miroir social. Paris: Nathan, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et discours. éléments de sémiolinguistique (théorie et pratique)*. Paris: Classiques Hachette, 1983.

FERREIRA, Jairo Getulio. *Campos de significação e conhecimento em dispositivos digitais: análise das interações discursivas em listas de discussão*. Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Informática na Educação - PGIE, 2002. (Tese de Doutorado).

FERREIRA, Jairo Getulio. Mídia e conhecimento: objetos em torno do conceito de dispositivo. In: *Intercom - Gt Comunicação E Educação*, 2002, Salvador. 2002d.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez. 2001.

MALDONADO, Alberto Efendy. *Teorias da Comunicação na América Latina*. São Leopoldo: Unisinos. 2001.

PERAYA, D. Le cyberspace: un dispositif de communication et de formation médiatisées, ALAVA S. (Ed.) *Cyberspace et autoformation*, De Boeck, 1999b.

PERAYA, D. Vers les campus virtuels. Principes et fondements techno-sémiopragmatiques des dispositifs de formation virtuels, JACQUINOT G. (Ed.), *Dispositifs: ancrage(s) d'un concept*, Hermès, 10, 1999a.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. *O que é jornalismo*. Lisboa: Quimera, 2002.

## Notas

1 - Ver em particular artigo Ferreira, 2002d (a ser publicado nos anais da Intercom, 2002)

2 - O campo, em Bourdieu, é um espaço onde os objetos sociais compartilhados são disputados por agentes investidos de saber específico, títulos, privilégios, esforços, que permitem acesso aos vários lugares em seu interior, bem como aos diferentes jogos de conflito. Os campos com autonomia têm a capacidade de traduzir em linguagem própria os problemas relativos às classes sociais, bem como os frutos e lucros obtidos coletivamente são distribuídos pelas posições, mesmo que de forma diferenciada.

3 - O *habitus* (Bourdieu) são as formas de percepção, pensamento e ação socialmente construídos, que perpassam as formas de subjetividade individuais e irão se refletir nos sistemas classificatórios sobre o que é legítimo e ilegítimo, o que é verdade e mentira, o que é belo e feio, o mal e o bem, dentro de determinado campo. Esse conceito nos informa que toda a interação social em torno de um objeto de conhecimento não é neutra, mas socialmente demarcada.